

VIII ENECIÊNCIAS 2024

CINEMA E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: reflexões teóricas a partir das contribuições de bell hooks

Iago Vilaça de Carvalho

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
iago.v.carvalho@gmail.com

Matheus Gomes da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
matheusghomes@gmail.com

Fernanda Antunes Gomes da Costa

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
nandantunes80@gmail.com

RESUMO

As narrativas cinematográficas são largamente utilizadas na Educação para trazer à tona debates e temas diversos, contribuindo para a aprendizagem. Considerando o Cinema como uma linguagem profícua para a Educação em Ciências, o presente ensaio teórico, fruto de uma pesquisa de doutoramento, tem como objetivo refletir sobre a interface entre Educação das Relações Étnico-Raciais e Cinema na Educação em Ciências, a partir da crítica cultural de bell hooks. Em sua análise fílmica, a autora destacou o potencial pedagógico do Cinema, sua capilaridade e seu caráter formativo. Assim, pensamos que essas discussões possam subsidiar o diálogo entre Educação em Ciências e Educação das Relações Étnico-Raciais através de produções audiovisuais, incentivando o pensamento crítico e questionamentos sobre as representações imagéticas. Dessa forma, esperamos que estas interlocuções possam motivar a atuação docente e a seleção de filmes a partir de critérios que priorizem imagens positivadas das populações negras e indígenas, assim como das denúncia das estruturas de opressão.

Palavras-chave: EREER, Lei 10.639/03, bell hooks, imagem, estereótipos.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

INTRODUÇÃO

As narrativas cinematográficas são bens culturais de grande importância e influência para a humanidade, estando amplamente presentes na sociedade ocidental em diversos contextos. Um deles é sem dúvidas a Educação, cuja relação com o audiovisual remonta à própria trajetória e difusão do Cinema. Do mesmo modo, a nível nacional, o uso de filmes em sala de aula é preconizado desde as reformas educacionais das décadas de 1920 e 1930 (Franco, 1993). Dentre outras razões, o esforço e incentivo para a abordagem fílmica por profissionais da educação está no potencial democrático do cinema de comover, entreter e se dirigir a variados públicos, ainda que reconheçamos que isso não represente a universalidade no acesso e na autoidentificação dos espectadores com as narrativas. Além disso, textos de diferentes educadores e pedagogos reconhecem o poder formativo que as imagens possuem, a exemplo de Anísio Teixeira e Roquete Pinto, dentre outros (Franco, 1993).

O mesmo ocorre com a Educação em Ciências. Para alguns autores, o cinema representa uma importante linguagem para a aprendizagem de Ciências da Natureza, destacando como, há muitas décadas, professores dessa área se valem de recursos fílmicos como estratégias didáticas em sala de aula (Bueno; Silva, 2018; Machado; Silveira, 2020). Segundo esses pesquisadores, isso se dá pela capacidade interpretativa e de produção de sentidos promovida pelas obras audiovisuais, que são capazes de veicular, sintetizar e catalisar diferentes debates, valores e temas sociais, através da mediação docente. Considerando essa multifacetada aplicabilidade, por que não considerarmos também a possibilidade de interlocução com a perspectiva das relações étnico-raciais como um imperativo ético para uma formação científica comprometida com a justiça social? Buscando responder a essa questão,

Realização:



Apoio:



VIII ENEFICIÊNCIAS 2024

idealizamos o presente ensaio teórico, que emerge como parte da pesquisa de doutoramento do primeiro autor, que versa sobre a interface entre Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e Educação em Ciências (EC).

A partir deste preâmbulo sobre o Cinema e sua relação com a Educação, em especial a EC, não podemos deixar de considerar as importantes reflexões intelectuais e representantes do Movimento Negro que problematizaram a trajetória do negro no Cinema (Carvalho, 2011a; 2011b; Araújo, 2018; Candido et al., 2021). Esses autores pontuam, dentre outras coisas, a invisibilização, marginalização e estereotipação da representação do negro no Cinema Nacional. Diante dessas reflexões, emergem diversas questões que permeiam a construção da imagem e a produção cinematográfica, abrangendo desde a elaboração das narrativas e a forma de representação de diferentes grupos étnico-raciais, até a construção das personagens e a montagem dos filmes. O debate levantado por esses autores é fundamental para a compreensão crítica de como o Cinema Brasileiro tem historicamente representado os negros e outros grupos. Ao problematizar essas questões, somos convidados a repensar a maneira como as histórias são contadas e como as personagens são desenvolvidas, indagando-as como forma de pleitear representações mais justas e alinhadas com a diversidade étnico-racial do Brasil. Tendo isso em vista, este ensaio tem como objetivo refletir sobre a interface entre ERER e Cinema na EC, a partir das contribuições da intelectual e crítica cultural afro-estadunidense, bell hooks. Trazemos nossa mirada teórica para as provocações da autora, que foi uma grande entusiasta do Cinema ao advogar sobre seu potencial pedagógico, pois consideramos esta estudiosa como um referencial teórico possível e inédito, capaz de *sulear* pesquisas e elucubrações acerca do Cinema na EC.

Dentre outros escritos, bell hooks dedicou muitos trabalhos à análise fílmica, argumentando que percebeu, ao longo de sua trajetória como professora e palestrante, que as imagens associadas à televisão, filmes, bem como obras de arte poderiam ser utilizadas para cativar

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

o público a discutir questões raciais e de gênero (hooks, 2019). Ainda segundo a autora: “O cinema oferece uma versão reimaginada, reinventada da realidade. Pode parecer familiar, mas na verdade é um universo à parte da realidade. É isso que torna os filmes tão atraentes” (hooks, 2023, p. 17). Em suas obras, ela não desenvolve um receituário conceitual, tampouco concebe uma teoria do Cinema, e sim, reflexiona de maneira ensaística sobre narrativas cinematográficas – e, em alguns casos, dialoga com cineastas – tendo como base seu vasto repertório sobre raça, classe e gênero, debatendo como as produções trazem inovações (ou não) para pensar as representações e caminhos para a reflexão sobre a agência negra e/ou feminina ou corroboram para a manutenção das estruturas de opressão..

DÍALOGOS SOBRE NARRATIVAS CINEMATográfICAS, EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E LETRAMENTO RACIAL

Em suas análises, bell hooks (2019; 2022; 2023) desvela diferentes camadas imagéticas e narrativas, oferecendo uma crítica inovadora e coerente em relação à obra diferentes cineastas. Essas análises destacam a diversidade de temas e pontos de vista que podem coexistir em uma mesma produção, apresentando desafios interpretativos, assim como a avaliação de um filme, tanto pela crítica quanto pelo público em geral, nem sempre garante a presença de imagens dissidentes¹. Ainda assim, é possível perceber que filmes podem ser desfrutados, ao mesmo tempo em que podem ser criticamente percebidos, estimulando nossa capacidade interpretativa. O exercício de reconhecer limitações e de valorizar as

¹ Desses artistas, bell hooks dedicou-se especialmente à filmografia de Spike Lee, a quem atribuiu um notável talento. Ela cultivou grande admiração pelo trabalho de Lee, mas também identificou incongruências em muitos de seus filmes no que tange às representações conservadoras das questões de raça e gênero, em obras bem avaliadas pela crítica e pelo público, como *Faça a coisa certa* (1986) e *Crooklyn – Uma Família de Pernas pro Ar* (1994). Em contrapartida, a autora destaca de forma positiva a intersecção entre raça e gênero, bem como o caráter experimental da montagem no filme *Garota 6* (1996), **produção amplamente criticada**.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

contribuições das narrativas filmicas é um componente importante e inspirador nas análises da escritora, pois nos incentiva, como espectadores, a ler e construir o sentido das imagens, não apenas visualizá-las passiva e acriticamente. Entretanto, é necessário distinguir os limites entre a habilidade interpretativa e o discurso persuasivo de uma obra (hooks, 2023).

Uma importante contribuição de bell hooks diz respeito à denúncia de arquétipos racistas comuns na mídia e no Cinema (hooks, 2022; 2023)². Essas representações são imagens estereotipadas que carregam uma retórica conservadora, imperialista e supremacista branca, sendo comuns em produções amplamente difundidas. A começar pelo estereótipo da *mommy*, ou mãe preta, que se baseia na imagem da mulher negra subalternizada, fiel e obediente, que cuida dos filhos de famílias brancas como se fossem seus, presente, por exemplo, no filme *Histórias Cruzadas* (2011). Já o segundo estereótipo, *Sapphire*, remete à mulher ou matriarca negra de personalidade forte, dominante e castradora, responsável pela disfuncionalidade de sua própria família, como nos filmes *Crooklyn – Uma Família de Pernas pro Ar* (1994) e *Preciosa - Uma História de Esperança* (2009)³. A terceira representação racista é a *Jezebel*, ou *hoochie*, que concebe as mulheres negras como promíscuas, interesseiras e manipuladoras. Como exemplo, podemos citar o filme *Mudança de Hábito* (1992)⁴. Por último, a autora discute a imagem da mulata trágica, que retrata a mulher negra com tez da pele mais clara, que busca, sem sucesso, renegar sua racialidade, a fim de fugir da discriminação racial, como no caso do filme *Crash – No limite* (2004). Essas considerações da autora vão ao encontro das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira

² Outros autores também evidenciam esses estereótipos (Collins, 2019). Nacionalmente, representantes do movimento negro também fazem essa denúncia (ARAÚJO, 2018).

³ A intelectual critica veementemente esta película, **tecendo comentários** contundentes **contra sua pretensa narrativa de superação, em detrimento** da fetichização do sofrimento, do abandono e da violência sexual contra a população negra, principalmente contra as mulheres.

⁴ A autora não cita esse filme diretamente, mas sim, alguns dos papéis escalonados para a protagonista do filme, Whoopi Goldberg, que geralmente seguem este padrão.

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

e Africana – DCNERER (Brasil, 2004), quando este documento convoca os profissionais da Educação a questionarem as representações de negros e outros grupos étnico-raciais em sala de aula, visando a positivação das imagens, um exercício também necessário quando pensamos na EC.

Aqui, fazemos uma aproximação com o pensamento educacional da própria acadêmica, em seu livro *Ensinando o pensamento crítico: sabedoria e prática* (2020, p. 34), em que afirma: “o pensamento crítico requer discernimento. É uma forma de abordar ideias que tem por objetivo entender as verdades centrais, subjacentes, e não simplesmente a verdade superficial que talvez seja a mais óbvia” (hooks, 2020, p. 34). Com isso, bell hooks chama nossa atenção para o importante papel da Educação em fomentar a reflexão de estudantes e professores de forma profunda e constante. Para desempenhar tal missão, consideramos que educadores, sobretudo da EC, devem estar dispostos a mobilizarem-se juntamente com os educandos na construção do aprendizado. Essa mobilização – assentada na pedagogia engajada (hooks, 2017)⁵ – objetiva a construção de uma comunidade de aprendizagem (hooks, 2020). Dessa forma, bell hooks considera o pensamento crítico como um fator capaz de amalgamar sua base epistemológica com seu propósito educacional: a criação de espaços formativos em que a confiança e o senso de coletividade se mesclam e animam seus participantes a juntos, construir o conhecimento e a buscar as respostas, ou seja, uma comunidade de aprendizagem (Carneiro; Palhano, 2023).

Segundo a autora, em uma comunidade de aprendizagem (hooks, 2020), a construção do saber é amplificada quando todos na sala de aula, tanto docentes quanto discentes, agem em comunhão e partilham recursos e informações. Nessa perspectiva, não existe fracasso, pois todos participam ativamente, e empoderam-se a partir do pensamento crítico. Torna-se

⁵ Esse é um conceito-chave para o pensamento de **bell hooks**. Ainda que não seja nossa pretensão aprofundá-lo, reconhecemos sua importância para a produção epistemológica da **teórica**.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

possível, então, estabelecer um ambiente capaz de potencializar o aprendizado e a integração durante processo formativo. Uma vez integrados, os discentes se articulam para superar juntos as dificuldades, aprendendo uns com os outros, trocando experiências, respeitando as diferenças, edificando um caminho democrático para a resolução de problemas e se preparando para a vida em sociedade. Essas ações são necessárias quando pensamos no perfil de cidadão que queremos para nosso país, uma vez que a transformação social deve ser uma das finalidades da Educação.

Nesse sentido, ao pensar na abordagem do Cinema na escola, os docentes devem estar atentos aos discursos e representações presentes nos filmes. Isso porque, como discute bell hooks (2023), leituras de mundo hegemônicas estão presentes em muitas representações de raça, gênero e classe na indústria cinematográfica e nos meios midiáticos. Por esta razão, as obras cooptadas precisam estar pedagogicamente alinhadas não apenas com conteúdo curricular, mas também com premissas como a justiça social, a democracia e a valorização da diversidade. Mais uma vez, retomamos a ERER como uma perspectiva potente para mobilizar esses princípios, ao mesmo tempo que pode promover a positivação da imagem dos grupos minorizados e contrapor preconceitos. Esse pensamento é corroborado por Bárbara Pinheiro (2023, p. 24), quando a autora nos diz que os educadores são “doadores de memória”, que atuam na socialização do legado cultural da humanidade. Por conseguinte, podemos considerar tanto os filmes como parte desse legado historicamente construído, como também as imagens por eles veiculadas. Assim, é imperativo que a EC também atue na difusão do pensamento crítico por meio de outros marcos civilizatórios, reconhecendo de forma plural o vasto arcabouço intelectual, artístico e tecnológico vinculado à ERER para a pavimentação dos caminhos da aprendizagem.

Outro ponto importante das reflexões de bell hooks (2023) é o reconhecimento de que o compromisso com a subversão de preconceitos não é determinado pelo pertencimento

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

étnico-racial de um diretor de Cinema. Para a teórica feminista, o fato de um realizador ser negro não garante inequivocadamente uma produção de imagens contra-hegemônicas, assim como não necessariamente um diretor branco estará destinado a conceber apenas representações racistas. Pelo contrário, ao fazer essa consideração, a autora pretende superar o reducionismo por trás desse tipo de pensamento que inviabiliza a mudança de discurso na indústria do Cinema. Além disso, ela refuta a ideia de que apenas cineastas negros devem abordar a negritude e discussões de raça, uma noção que cria rótulos supostamente intransponíveis, limitando o campo de atuação tanto de profissionais negros quanto brancos. Ao mesmo tempo, esse essencialismo racial evidencia o racismo presente no setor cinematográfico, já que, dessa forma, cineastas brancos não são desafiados a ressignificar seus próprios discursos sobre raça. Considerando esse debate, percebemos que esta ponderação sobre a autoria das imagens possui grande relevância para pensar a abordagem das narrativas cinematográficas na EC, motivando a ampliação das possibilidades para a seleção e análise filmicas para além da origem étnico-racial⁶.

Em contramedida, isso não quer dizer que não devemos problematizar o cânone ou obras aclamadas pela crítica e pelo público, sobretudo de cineastas brancos. Nesse sentido, podemos destacar três filmes de ampla repercussão que foram enfaticamente contestados por bell hooks (2023). O primeiro é *Pulp Fiction: Tempo de Violência* (1994), de Quentin Tarantino, em que o uso recorrente de insultos racistas e de expressões pejorativas, passa uma ideia de que ser racista é estiloso, ao mesmo tempo que evidencia um discurso cínico e fatalista da branquitude, que admite o racismo como algo dado ou como um problema alheio. O segundo, *Kids* (1994), de Larry Clark, é uma ficção documental divulgada como uma crítica social à delinquência juvenil, mas que na verdade performa o racismo e o sexismo

⁶ Contudo, não deixamos de reconhecer também a importância do posicionamento político que priorize a escolha de produções de cineastas oriundos de grupos étnico-raciais histórica e socialmente discriminados.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

através da contravenção de jovens brancos. Em terceiro lugar, o documentário *Basquete Blues* (1994), de Steve James, que apresenta uma narrativa meritocrática e um discurso conservador que reverbera o imaginário racista de que o esforço individual de jovens negros basta para a superação da desigualdade. A partir desses exemplos, bell hooks nos lembra que imagens amplamente consumidas e aprovadas pela crítica e/ou pela maioria dos espectadores, não necessariamente trazem uma positividade das relações raciais, seja denunciando contextos de violação de direitos, seja transgredindo à norma e lançando um novo olhar para a construção fílmica e/ou imagética. Com isso, torna-se um imperativo dar voz e visibilidade para narrativas contra-hegemônicas que retratem grupos marginalizados de maneira coerente e socialmente crítica.

Considerando estas reflexões sobre as imagens racistas em filmes aclamados e sobre estereótipos comuns nos meios de comunicação midiáticos, voltamos mais uma vez para a discussão acerca da EC, reforçando o papel docente na promoção do pensamento crítico, como discutido a partir de bell hooks (2020). É necessário e urgente que professores que optem por trabalhar com o Cinema em sala de aula tenham como critério de seleção as representações de raça e gênero nos filmes. Como afirmou a intelectual: “Produzir imagens de pessoas negras em um contexto racista é um ato politicamente carregado” (hooks, 2019, p. 153). De maneira correlata, pensamos que fomentar e veicular imagens a partir da mediação docente também seja uma ação imbricada com a política, e por isso, também deve estar engajada com a EREER. A popularidade de uma obra não garante seu comprometimento ético com a criação de imagens positivas ou dissidentes sobre grupos marginalizados, tampouco com um debate sério sobre questões sociais. Por este motivo, defendemos que para além da cobrança para a abordagem fílmica em sala de aula, que docentes também tenham condições de acesso e tempo para desenvolverem suas próprias leituras críticas sobre os filmes que assistem e/ou que exibirão nas escolas. Como “doadores de memória”

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

(Pinheiro, 2023, 149), docentes precisam não apenas empenhar uma prática pedagógica alinhada à ERER, através de diferentes estratégias, como os filmes, como também precisam de incentivo e subsídio para tal empreitada⁷.

CONCLUSÕES

Nosso estudo buscou refletir sobre a interface entre ERER e Cinema na EC, a partir das contribuições de bell hooks. Assim como a autora, compreendemos que as narrativas cinematográficas possuem um potencial pedagógico, da mesma forma que elas podem ser concebidas como uma valorosa linguagem para o ensino nas áreas de Ciências (Bueno; Silva, 2018). Suas reflexões trazem subsídios e novos olhares sobre a leitura imagética e a análise filmica, dentre as quais, destacamos suas críticas às representações e estereótipos racistas nas telas; ao essencialismo racial, presente no discurso hegemônico na indústria do Cinema; e ao cânone cinematográfico. Desse modo, consideramos que as imagens e produções audiovisuais podem não apenas ser utilizadas para discutir conteúdos curriculares, como também para problematizar questões como raça, gênero e classe.

Além disso, partindo da premissa que as produções cinematográficas podem inovar ou manter estruturas de opressão, percebemos que a abordagem de filmes pode incentivar a promoção do pensamento crítico, intencionando a edificação de uma comunidade de aprendizagem, como preconizado por bell hooks (2020). Para isso, é essencial que docentes estejam, como “doadores de memórias” (Pinheiro, 2023, 149), engajados com a ERER; e

⁷ A esse respeito, reconhecemos a existência de documentos e diretrizes oficiais que preveem a utilização de filmes e recursos visuais em sala de aula, como a Lei nº 13.006, de 2014, que obriga a exibição de filmes nacionais nas escolas públicas brasileiras. A esse respeito, pretendemos futuramente considerá-los em nossa pesquisa.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

que a seleção de filmes a serem abordados possa catalisar o debate sobre a positivação das imagens e representações dos grupos marginalizados, bem como a denúncia das violências e violações de direitos impostas a eles, como previsto nas DCNERER (2004), alinhando-se a um projeto político e educacional que prime pela justiça social. Por isso, apostamos tanto nas elucubrações propostas por bell hooks como aporte teórico possível e inédito para pensar o diálogo entre filmes e a aprendizagem das Ciências quanto em novas pesquisas acerca da interface entre Cinema, ERER e EC.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao apoio institucional do NUTES e da UFRJ, bem como ao apoio financeiro da CAPES e da FAPERJ, por meio da concessão das bolsas e de financiamento para desenvolvimento de projeto.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. O tenso enegrecimento do cinema brasileiro nos últimos 30 anos. *Cinemas d'Amérique latine*, 26, 2018, Disponível em: <http://journals.openedition.org/cinelatino/4185>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Relatora: Petronilha Beatriz Gonçalves. Ministério da Educação. Brasília, 2004.

Realização:



Apoio:



VIII ENEFICIÊNCIAS 2024

BUENO, Alcione José Alves; SILVA, Silvio Luiz Rutz da. O cinema como linguagem no ensino de ciências. **ACTIO**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 154-172, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio>. Acesso em: 14 jun. 2024.

CANDIDO, Marcia Rangel. et al. Gênero e raça no cinema brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 36, n. 106, 2021.

CARVALHO, Noel dos Santos. **O cinema em negro e branco**. In: SOUZA, Edileuza Penha de. *Negritude, cinema e educação: caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003*. 2. ed. v. 1. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011a.

CARVALHO, Noel dos Santos. **Dois ensaios de sistematização da questão racial do cinema**: o contexto do Cinema Novo. In: SOUZA, Edileuza Penha de. *Negritude, cinema e educação: caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003*. 2. ed. v. 2. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011b.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: Conhecimento, Consciência e a política de empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

FRANCO, Marília da Silva. **A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais**. In: FALCÃO, Antônio Rebouças; BRUZZO, Cristina (coord.). *Coletânea lições com cinema*. São Paulo: FDE. Diretoria Técnica, 1993.

HOOKS, bell. **Anseios**: raça, gênero e políticas culturais; tradução de Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando o pensamento crítico**: sabedoria prática; tradução de Bhuvan Libanio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

HOOKS, bell. **Escrever além da raça: teoria e prática**; tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Elefante, 2022.

HOOKS, bell. **Cinema vivido: raça, classe e sexo nas telas**; tradução de Natalia Engler. São Paulo: Elefante, 2023.

MACHADO, Camila; SILVEIRA, Rosemari. Interfaces Entre Cinema, Ciência e Ensino: uma revisão sistemática de literatura. **Pro-Posições**, v. 31, p. 1-31, 2020

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

Realização:



Apoio:

